|  |  |
| --- | --- |
| UNIVERSIDADE DO ESTADODO RIO DE JANEIRO | CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES |
| UNIDADE ACADÊMICAInstituto de Artes | DEPARTAMENTODepartamento de Teoria e História da Arte |
| NOME DA DISCIPLINAHistória da Arte Global | ( x ) OBRIGATÓRIA( ) ELETIVA | CARGA HORARIA45 | CRÉDITOS03 |
| NOME DO CURSOHistória da Arte GlobalÁREA DE CONCENTRAÇÃO:História da Arte Global | DISTRIBUIÇÃO DE CARGA HORÁRIA |
| TIPO DE AULA | CARGA HORÁRIA | Nº DE CRÉDITOS |
| TEÓRICA / PRÁTICA | 45 | 03 |
| TOTAL | 45 | 03 |
| PRÉ-REQUISITOS | ( x ) Disciplina do curso de mestrado acadêmico( ) Disciplina do curso de mestrado profissional( x ) Disciplina do curso de Doutorado |
| PROFESSORESMaria Berbara e Maurício Barros de Castro | PERÍODO2020 / 2 | HORÁRIOTerças-feiras, 10h | LOCALVideoconferência |

**Título**

HISTÓRIA DA ARTE GLOBAL

**Ementa**

O curso será dividido em dois blocos, correspondentes às duas linhas de pesquisa que compõem o programa (Arte e Recepção; Arte e Alteridade). No primeiro bloco será examinado o trânsito de linguagens artísticas e processos culturais entre a Europa e o “Novo Mundo” durante a Primeira Época Moderna, prestando especial atenção à relação entre tradição clássica e colonialismo. *Topoi* tradicionais do universo greco-romano – como, por exemplo, a antropofagia ciclópica – são revisitados durante o processo de expansão colonial europeia e projetados em habitantes do continente americano. Serão ainda consideradas, nesse bloco, questões como o conceito de crueldade; o genocídio indígena; processos de conversão e o impacto de epidemias no continente americano em seguida às invasões europeias.

O segundo bloco será dedicado aos chamados “canibalismos disciplinares” entre antropologia e arte, em que ambas as disciplinas se alimentam uma da outra, por meio de um processo histórico que se estabelece em torno das relações entre os antropólogos, as vanguardas modernistas europeias e os museus ocidentais e suas coleções, muitas delas resultado da empreitada colonial. O segundo bloco aborda desde o início do século XX, quando os antropólogos atuaram como principais interlocutores das chamadas culturas do “outro” não-ocidental e foi cunhado o conceito de arte primitiva, até o contexto contemporâneo, em que a antropologia se volta para uma perspectiva reflexiva sobre sua autoridade etnográfica e assume um posicionamento crítico acerca das exposições, narrativas curatoriais e representações dos museus ocidentais sobre outras culturas. A busca do artista por um “campo” para produção de seus trabalhos e a sua autoridade de representação do outro também engendram questões levantadas neste segundo bloco.